

PLACAR

REVISTA ESPORTIVA SEMANAL DA EDITORA ABRIL • N.º 518 • 04/ABRIL/1980 • Cr\$ 40



10 ANOS

POSTERS
CORITIBA E SANTA CRUZ
BRINDE LABIRINGOL: O JOGO DE QUEM CONHECE FUTEBOL



Paulo César

Vladimir

Pedrinho

Pita



Baltazar

Bira

GAÚCHOS DESAFIAM

PAULISTAS SÃO MAIS ELES

ATAÇA É NOSSA

GRÁTIS
SUPER
POSTER DO
SANTOS



Luiz Antônio

Osmar

MINEIROS CONFIAM



Ziza

Givanildo

Júnior

Paulinho

CARIOCAS BOTAM BANCA

LOTERIA
SUPER-INFORMES
SOBRE O TESTE
MAIS MALUCO
DO ANO

EXCLUSIVO
A PEDIDA DE AMARAL
PARA RENOVAR

AGUI, ALAGOAS, AMAPA, AMAZONAS, BAHIA, CEARA, MATANHAO, MATO GROSSO, PARA, PARANÁ, PERNAMBUCO, PIAUI, RIO GRANDE DO NORTE, RONDÔNIA, RORAIMA E SERGIPE Cr\$ 50 0563

GRUPO**E**

Corinthians
Vasco
Vitória
Náutico

GRUPO**F**

Botafogo-RJ
São Paulo
Ceará
Americano

GRUPO**G**

Atlético-MG
Inter
Atlético-GO
Bahia

GRUPO**H**

Fluminense
Botafogo-PB
Cruzeiro
Sport

AGGORA É

A Taça de Ouro entra agora em sua fase semifinal. 32 times divididos em oito Grupos vão brigar por 16 vagas, mas os papões parecem definidos. Vai dar zebra?

Formados os oito novos Grupos, a graça agora está em brincar de caça à zebra. Porque, dentro da lógica que o futebol tem, os dois papões da fase, na maioria dos Grupos, parecem bem definidos.

No Grupo E, dificilmente a classificação fugirá de Corinthians e Vasco. O Timão está tinindo, com pinta de campeão, e o Vasco, mesmo irregular, tem mais fôlego do que Vitória e Náutico.

No Grupo F tudo pinta para os lados de São Paulo e Botafogo, mesmo sabendo-se que os dois não chegaram a ficar nas pontas dos cascos na fase preliminar. O São Paulo está engrenando e o Botafogo joga pro gasto. Ceará e Americano têm poucas chances.

O Grupo G é um pouco mais duro. Inter e Atlético são os mais indicados, mas nenhum deles, até o Galo que canta como finalista, pode bobear com o Bahia, um time manhoso e brigador. O Atlético Goianiense não assusta.

No Grupo H parece fácil a classificação de Fluminense e Cruzeiro, mesmo levando-se em conta a campanha irregular dos dois até aqui.

Botafogo-PB e Sport já deram o que tinham para dar.

No Grupo I Joinville e América não têm a menor chance de tirar as vagas de Santos e Guarani. O Santos melhora a cada jogo, tem futebol pra chegar longe, e o Guarani, mesmo a duras penas, é o dono da segunda vaga.

O Grupo J é outro que não permite bobeadas. Flamengo e Palmeiras têm boas chances, mas não poderão dormir contra o bom Santa Cruz. Aqui, o Bangu já era.

No Grupo K, Coritiba e Remo pegam duas molezas: Ferroviário e Desportiva. É só não bobear.

E no Grupo L também as coisas parecem tranquilas para Grêmio e Ponte Preta. O Grêmio vai ficando encorpado e a Ponte sabe o que quer. Colorado e América-SP devem sobrar.



RONALDO KOTSCHO

Darío Pereyra, o 5, acabou com o Santa Cruz.



AUREMAR DE CASTRO

Reinaldo, Palha e Cerezo. Muito para o Vila.

OS GOLS DA RODADA



São Paulo 3 x 1 Santa Cruz — Lira bate o pênalti com classe e Wendell quase pega.

Fotos Solano José.



São Paulo 3 x 1 Santa Cruz — Depois de uma tabela com Renato, Serginho cabeceia na cara de Wendell. Fotos Solano José.



São Paulo 3 x 1 Santa Cruz — Golaço: Serginho recebe de Zé Sérgio e finaliza de calcanhar. Foto Solano José.



Coritiba 1 x 0 América-RJ — Ecurinho (9) marca da pequena área, no rebote do escanteio. Foto José Eugênio.

SP A TAÇA DE OURO É NOSSA

OS PAULISTAS SÔ ACREDITAM NELES MESMOS

Reunidos para falar da Taça de Ouro, Paulo César, Vladimir, Pedrinho e Pita pouco ligaram para os outros times: "O Inter tem tradição, o Galo vem bem, mas outra vez o título ficará em São Paulo."

— Sabe, *neguinho*, eu acho que no fim vai dar São Paulo e Corinthians.

— Não sei, não, Paulinho. Não acredito que seu time esteja com essa bola toda. Tá certo que essa Taça de Ouro ainda vai apresentar muitas surpresas. Mas daí a achar que o São Paulo está no páreo...

— Pois este é o nosso grande segredo. Estamos correndo por fora, trombando aqui, ganhando ali, e na hora do pega vamos estar tinindo. Você vai ver. Só não sei é se o Corinthians, que está tão certinho, não vai acabar estourando antes das finais.

— Que é isso, amizade? Nós estamos apenas maneirando. Estamos jogando para o gasto, sem pressa.

O *neguinho* é Vladimir, lateral-esquerdo do Corinthians, e Paulinho é Paulo César, ponta-direita do São Paulo. O papo começa animado, com Pedrinho, do Palmeiras, e Pita, do Santos, que aguardam a melhor hora de entrar dividindo.

— É, pensando bem, o Timão está realmente muito bom — volta à carga Paulo César. Se a final fosse agora, ia dar fácil Corinthians e Atlético Mineiro. Vocês estão tocando como querem e não estão se apavorando quando sofrem um gol. Será que vocês vão agüentar assim até o fim? Ou será que a torcida vai acabar, mais uma vez, ajudando os adversários?

Pedrinho, muito sério, resolve entrar na conversa.

— Calma aí! Vocês parecem estar falando do campeonato paulista e nós estamos disputando é a Taça de Ouro. Será que vocês não estão acreditando nos times cariocas e nos gaúchos?

— E é para acreditar?

— Eu acho que é. O Inter, por exemplo, anda na maré baixa, mas é sempre um candidato ao título. Quando o Falcão, o Batista e o Jair começam a jogar para valer, a coisa fica preta para os outros times. O Grêmio anda bem e o Flamengo, de qualquer forma, é um grande time.

— Um grande time que vocês tocaram de quatro.

"Negócio de carioca é dar show. Só isso"

— É, mas também podíamos ter perdido de quatro. Aquele resultado não me engana mais. O que adianta a gente golear e depois abrir as pernas? Este ano eu quero mais é correr por fora e ganhar o título.

— E você não está acreditando no Palmeiras?

— Estou, é claro. Tenho certeza que o título vai ficar, mais uma vez, entre nós, mas não acho válido descartar desde agora os outros times. Meu time passou por uma fase ruim, mas já está chegando no ponto. Não tenho medo de ninguém, mas acho uma boa respeitar a todos. Você não concorda, Pita?

PAULO CÉSAR



OSÉ CARLOS MORAES

Depois de esnoabar os times gaúchos,



VLADIMIR

PEDRINHO

PITA

mineiros e cariocas, eles mandam um recado para a torcida paulista: preparem-se que a festa será nossa.

SP A TAÇA DE OURO É NOSSA

— Concordo. Hoje eu sinto que ninguém dá muito crédito ao Santos, mas posso garantir que vamos brigar pela Taça. Estamos evoluindo muito. Quando perdemos para o Flamengo, na primeira rodada da Taça, nosso time ainda não estava bem, embora dominássemos o jogo. Agora as coisas são diferentes. Se cruzarmos outra vez, jogo seco no meu time. De qualquer forma, acho também que o título ficará por aqui. Nossos times — Santos, Corinthians, Palmeiras e São Paulo — estão bem equilibrados, e os cariocas são mais é de dar espetáculo. Eles agradam às torcidas e nós ficamos com o

“O Inter é um time de dois jogadores”

caneco. Fora daqui, só boto fé no Inter e no Atlético.

— Eu também acho que ninguém deve se esquecer do Inter — diz Paulo César. Ele é sempre um perigo. Tem tradição e sabe como disputar um título. O Galo está muito bem, mas não sei, não. Seu time é meio pavão. Muito bonito do meio-campo para a frente, mas fraco na defesa. Ali atrás, só boto fé no goleiro e no Osmar. Joguei contra eles, e acho fácil passar por aquele lateral-esquerdo, o Jorge Valença. Ele é fraquinho.

— E o Júnior, não é bom? Não é um belo lateral?

— É, ele ataca muito bem. E é desses laterais que atacam bem que eu gosto. Eles vão, eu fico, e é só receber o lançamento para aprontar uma confusão na sua defesa. Lateral que eu não gosto é você, *neguinho*. Você não é muito bom no ataque, mas marca bem. Não dá folga pra gente. O Pedrinho ataca bem, marca bem, mas sempre dá uma folguinha pro ponta. É como o Dirceu, do Grêmio.

— Não sei, não. Esta fase preliminar foi muito tranqüila. Agora é que a coisa vai começar a apertar e ninguém vai poder bobear. Não gosto de cantar vitória na véspera, mas estou levando muita fé no meu time. Se as reformas de contrato não atrapalharem, vai dar pé. Vocês sabem que nós praticamente

não temos treinado? É isso aí. Estamos levando tudo no banho-maria, com liberdade para treinarmos em casa, conta Vladimir, sorrindo.

E Paulo César, que parece louco de vontade de pegar o Corinthians, volta à carga.

— Tem muito tempo que o São Paulo não ganha de vocês, não é?

— Tem uns seis anos.

— Pois táí um outro negócio que eu gosto. Pegar um time de papo cheio para acabar com seu cartaz. O Corinthians vai acabar sentindo a falta do Palhinha. Na hora do aperto, vocês vão me dar razão.

— Não concordo. Pra mim, o time não perdeu tanto com aquela saída. O Geraldo é um grande jogador e também sabe desequilibrar um jogo.

— Você fala sério?

— Falo, sim. O Palhinha é um craque, mas só consegue dar tudo que pode quando joga lá na frente, brigando com os zagueiros. E no Corinthians ele estava jogando um pouco longe da área. Como terceiro homem, ele perdia muito do seu oportunismo. O que mais vai nos fazer falta é a sua catimba. Nisso, ele é perfeito.

— De que time você tem mais medo? — pergunta Pedrinho.

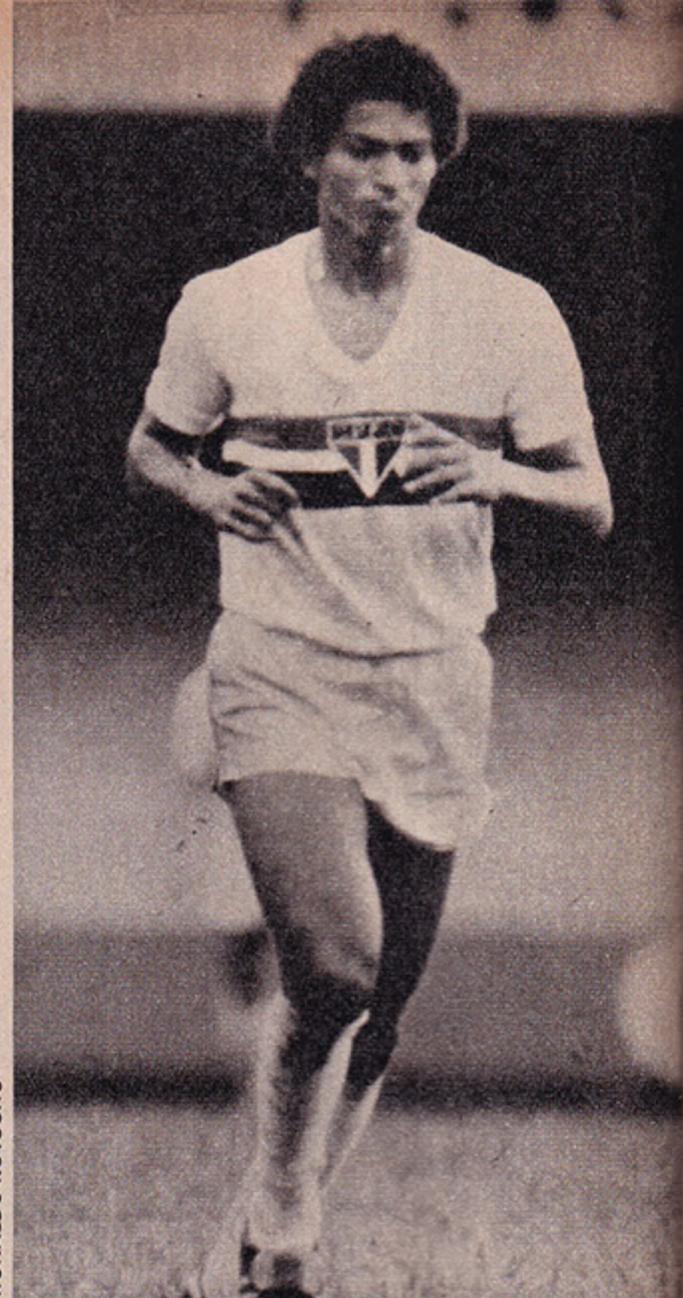
— Respeito todos — responde Vladimir. Mas, ao contrário de vocês, não acho que o Inter seja um bicho-papão. Tem Batista e Falcão, mas é só isso. Digo mais. Pra mim, o Inter só foi campeão brasileiro porque o Palmeiras bobou. Pra falar a verdade, acho que não foi o Inter que ganhou, foi o Palmeiras que perdeu. Tinha um time muito melhor.

“Vamos atropelar quem cruzar nosso caminho”

— É por isso que este ano estamos pensando fazer diferente. Aceitamos perder agora para ganhar na final.

— É só vocês não passarem na nossa frente — adverte Vladimir. Porque se depender da gente, vocês vão se despedir mais cedo da Taça. Aliás, o aviso vale para todos vocês — Pedrinho, Pita e Paulo César. Não esperem colher de chá, porque vamos entrar matando. Gosto mais de ganhar de vocês do que de qualquer time do Rio, de Minas ou do Rio Grande do Sul.

Por JOSÉ MARIA DE AQUINO/
MAURÍCIO CARDOSO



Todos prometem muita luta e fazem



RONALDO KOTSCHO

RONALDO KOTSCHO



JOSÉ PINTO



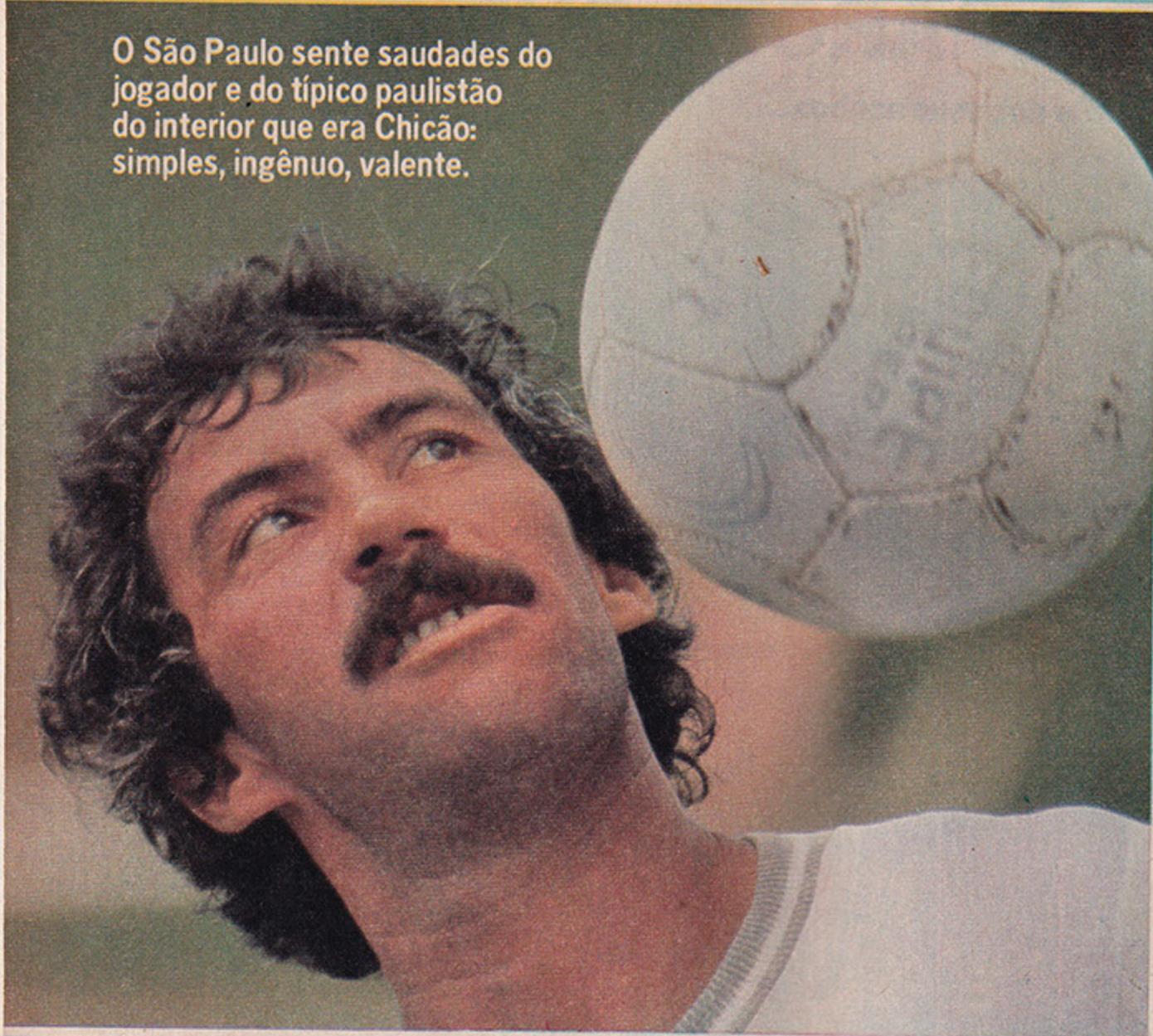
RONALDO KOTSCHO
AMILTON VIEIRA



Uma revelação: entre nós não tem colher de chá. Afinal, ganhar de time paulista é muito mais gostoso.



O São Paulo sente saudades do jogador e do típico paulistão do interior que era Chicão: simples, ingênuo, valente.



CHICÃO

Até os últimos dias de seus sete anos no São Paulo, Chicão acreditou que era apenas um paulistão típico do interior. Aquele do jeito simples, até meio ingênuo, mas direto e valente.

Ele ia para os treinos no Morumbi como quem ia para um trabalho comum — como o mecânico que pensava que seria, quando cursou o Senai. Calça de tergal surrada, deixando aparecer um pedaço da meia, bolsinha pendurada no braço, caminhava descansadamente até o vestiário, conversando apenas o necessário. Nunca foi o último a entrar.

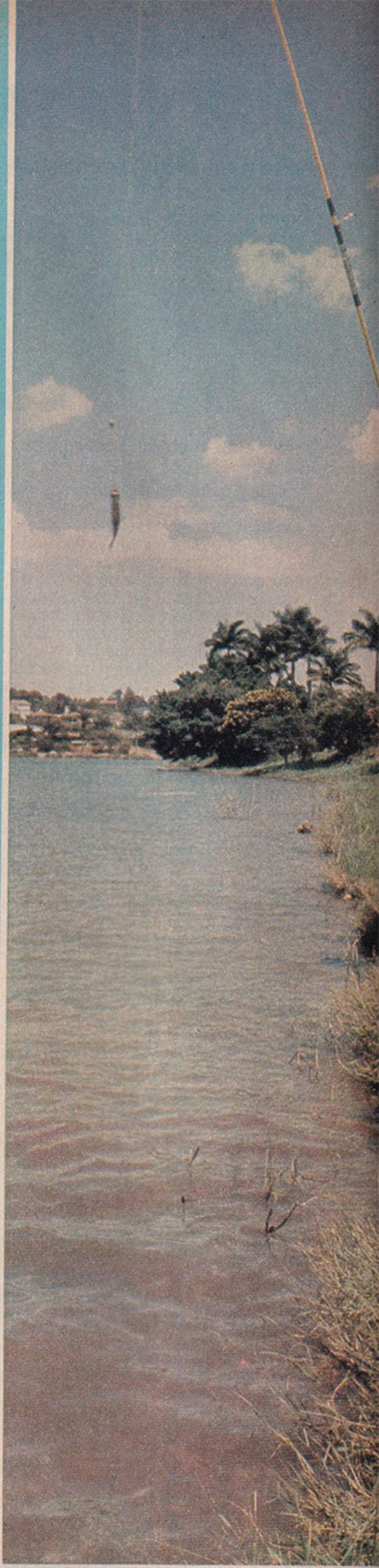
Encarava o treino com prazer, mas também como uma obrigação. Em seus sete anos de clube, jamais

foi punido por indisciplina. Na saída, ficava por ali apenas o tempo suficiente para atender os repórteres, quando então respondia sem rodeios as perguntas sobre sua maneira de jogar. “Por que derrubo o adversário? Porque é eu ou ele.”

Não escondia que gostava de cerveja. Mas raramente era visto no bar. Preferia beber com sua mulher, em casa. A cada folga que recebia, corria para o seu sítio, em Piracicaba, onde ficava pescando.

Jogava machucado. Não resmungou quando o São Paulo se negou a vendê-lo ao Corinthians, uma transação vantajosa para ele. Era meio fatalista. E achava que ser paulista do interior era isso. Até se descobrir meio mineiro.

FOTOS AUREMAR DE CASTRO



Em Minas tem futebol, pescaria



As saudades que Chicão sente de São Paulo vão diminuindo: no Atlético, ele descobriu que era meio mineiro.

MINEIRO

De Piracicaba para Belo Horizonte, pouca coisa mudou em Chicão. O futebol, a varinha de pescar, a cervejinha, o agarramento com a família continuam os mesmos. A única coisa nova é a saudade, mas esta Chicão acaba dominando.

A família sente saudades de Piracicaba. A distância agora é maior. Mas Chicão, todo dia, chega cedinho à Vila Olímpica com a mulher e os dois filhos e esquece a saudade. Eles chegam, trocam de roupa e vão curtir o sol da montanha na piscina do Galo. Chicão desce, calça tênis, sem meias como sempre, e vai treinar.

Este Chicão incrivelmente paternal, bem mineiro, disposto a dar atenção a qualquer pessoa e, por pa-

recer bem mineiro, desconfia um pouco das coisas, acaba sendo, longe dos amigos de Piracicaba e São Paulo, o mesmo Chicão que essas duas cidades conheceram.

Na verdade, não é tanto a sua saudade a única coisa a diferenciá-lo do Chicão paulistão. Mas a preocupação com a saudade que sua mulher sente.

— É difícil a gente se acostumar com um lugar, por melhor que seja. Ela também é de Piracicaba e, lá em São Paulo, estava pertinho. Ela ia sempre para a casa da família dela, para perto da minha família. Aqui, não dá. Isso me preocupa, sabe? Eu não sei até que ponto vai a sua saudade, o que ela pode estar pensando, de que coisas está sentin-

e cervejinha. Ele está em casa.

Chicão mineiro

do falta. No resto, está tudo bem. O pessoal aqui em Belo Horizonte é muito carinhoso com a gente.

Aos poucos, Chicão vai abrindo seu campo de amizades. O time está cheio de estrelas, mas, para a torcida, ele é acima de tudo um campeão da simpatia.

— Ele não é um craque, Telê, mas não erra um passe, está sempre tirando a bola dos outros — dizia dias atrás um torcedor ao técnico da Seleção, tentando convencê-lo a convocar o volante do Galo.

Tudo está dando certo para Chicão, e isso o ajuda nessa fase de adaptação à vida mineira.

— Sabe? — é assim que ele abre as frases, como agora, quando vai falar sobre as suas preferências. — Eu gosto bastante de uma cervejinha bem gelada. Nunca abri mão dela, é uma coisa que todo mundo sabe. É uma coisa que trago comigo desde Piracicaba e nunca me prejudicou. A pescaria também faz parte das coisas de que gosto muito de fazer. Só que água, até agora, só vi na Lagoa da Pampulha.

Futebol, pescaria e cervejinha gelada

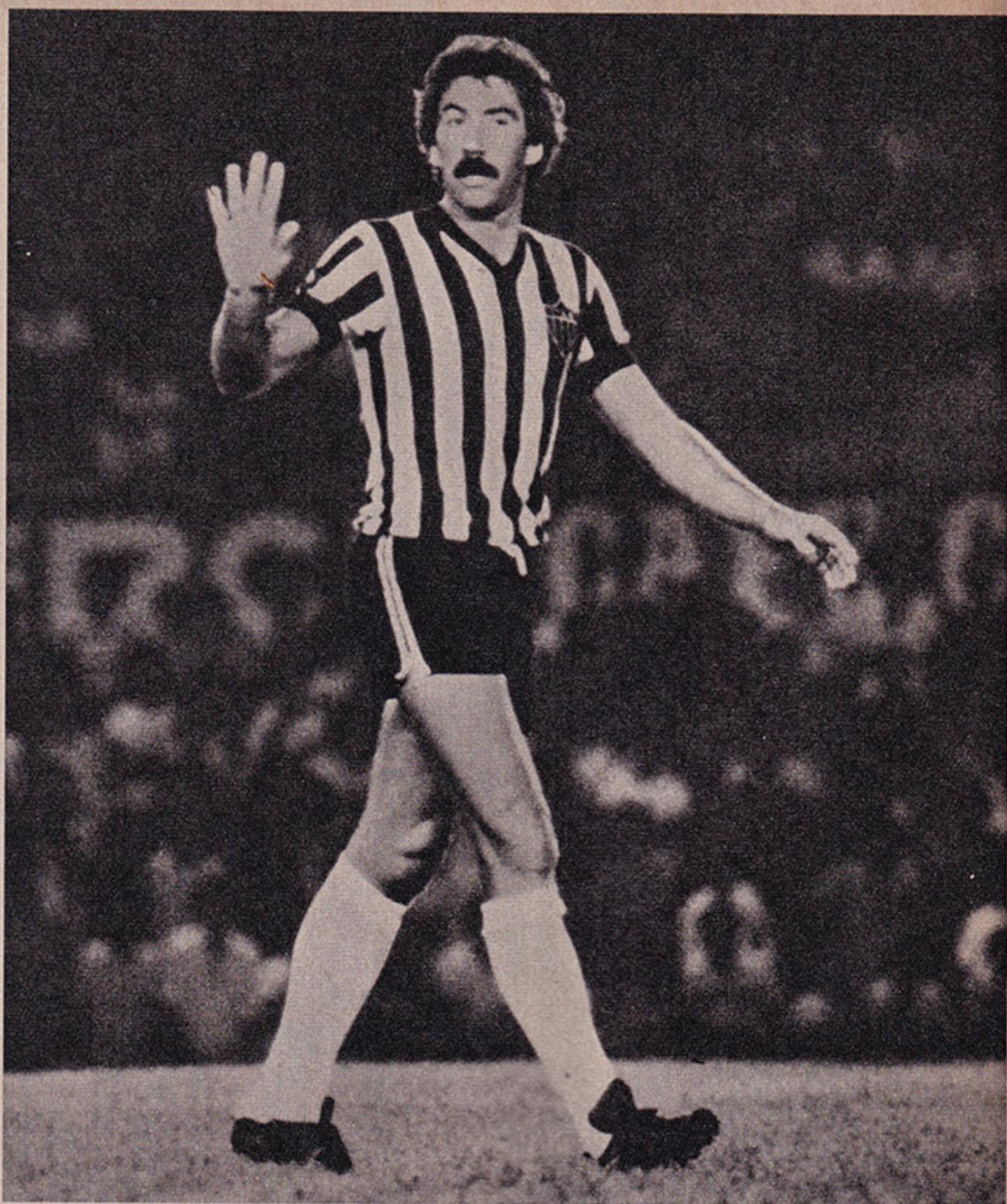
Mas, para melhorar as coisas, o parceiro de Chicão no meio-campo do Atlético ameaça transformar-se em um inseparável companheiro de pescarias. Cerezo descobriu a pesca há pouco tempo e já adquiriu todo o equipamento do bom pegador de peixe.

— Vou levar o Chico pra pegar uns bichinhos lá no São Francisco. Garanto que o que ele vai pescar em um dia será mais do que já pescou no rio Piracicaba em toda a vida dele.

E dentro de campo, como se comporta Chicão mineiro?

Talvez seja o homem que está faltando ao São Paulo.

Passa o jogo inteiro falando, aponta para todos os lados; impõe os seus conhecimentos sobre colocação da defesa e do meio-campo; descobre defeitos e não tem vergonha de dizer isso para quem os comete. É o líder que faltava, embora o capitão continue a ser Osmar.



Chicão comanda a saída de bola, orienta a defesa. E o chefão.

Sobre suas qualidades de comandante, ninguém tinha dúvida. O Chicão líder não foi surpresa. O que seus companheiros não esperavam era que ele fosse tão bom orientador de formas de cobertura e de saída de jogo.

— Eu botava a bola em jogo com muita pressa — reconhece o goleiro João Leite. — Foi o Chicão que me alertou para isso. Hoje, você vê que isso já não acontece. Ele nos ensinou que há momentos para aquecer e momentos para desaquecer.

Diga-se que João Leite recebeu a contratação de Chicão sem o mínimo entusiasmo. Hoje, é dos que mais o elogiam — ainda que apenas como jogador. A colocação do time na saída de jogo foi outra questão resolvida por ele.

— É uma coisa simples — explica Chicão. — Se o lateral tem a bo-

la, ou o Osmar vem com ela pela direita, o lateral tem que subir e o ponta deve fechar para abrir espaço para o passe. Eu alerto o pessoal. Só isso.

É o mesmo Chicão do São Paulo, sem dúvida. Líder, durão, valentão, um inconformado com derrotas. Um jogador amado pela torcida porque aplica a favor do Galo tudo aquilo que um dia aplicou contra.

E pouco falta para que seja o mesmo Chicão de São Paulo.

— Só falta a minha família se adaptar bem. Ah, e Cerezo cumprir a promessa de me levar pra pescar no São Francisco. Enquanto isso, ele me acompanha na cerveja. Ele também gosta de uma cervejinha gelada, sabia? Rapaz de bom gosto!

Por SERGIO A. CARVALHO

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM

MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO

JOÃO FARAH

2025



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ